

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## O SENTIDO DA AMIZADE E DO AMIGO NOS TEXTOS DO NOVO TESTAMENTO E NA LITERATURA DO MUNDO GREGO-ROMANO

The sense of friendship and friend in the texts of the New Testament and in the  
literature of the Greek-Roman world

Efstathios Tsotsos<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho analisou o sentido dos termos Amizade (Filía – Φιλία) e Amigo (Fílos – Φίλος) nos textos do Novo Testamento partindo de um olhar comparativo da literatura greco-romana. O assunto não se esgotou nem analisou todas as citações e termos que se referem aos livros do Novo Testamento, mas tratou das principais fontes e dos escritores da época comparadas principalmente com os evangelhos de Lucas e João. A escolha dos dois evangelistas ocorreu porque o sentido da amizade nestes escritos é mais amplo, mais significativo e mais teológico. Os escritores do mundo greco-romano são contemporâneos ou pouco posteriores aos evangelhos (3º século a.C – 2º d.C) e por isso a comparação dos sentidos da Amizade e do Amigo é pertinente aos seus escritos. A seleção das obras literárias sobre o assunto foi mais qualitativa do que quantitativa e se fez tendo em vista o propósito de passar uma representação ou figura indicativa e explicável da questão da Amizade e do Amigo dentro de uma época complexa e fluida, como era a época greco-romana.

**Palavras-chaves:** Amizade. Amigo. Literatura greco-romana. Evangelhos de Lucas e de João.

### ABSTRACT

The proposal of this work is to analyze the meaning of the terms of friendship (Filía – Φιλία) and friend (Fílos – Φίλος) to the texts of the new commitment, from a comparative

<sup>1</sup> O autor é graduado em Teologia da Faculdade Batista Pioneira em Ijuí, RS, Pós-graduado em Novo Testamento Aplicado (FABAPAR) e Mestrando em Teologia pela FABAPAR: E-mail: [evastathis\\_gr@hotmail.com](mailto:evastathis_gr@hotmail.com)

overview of Greek Roman literature. The goal is not to exhaust the subject in all of situation from all old sources, neither to analyze all of citations of these terms, which refers to the new commitment books, but to treat the study of the main sources and the writers on those days, compared mainly with the gospel of Luke and John. The choice of the two evangelists that whereby short article it is hard to analyze, it occurs because the meaning of the friendship, in yours write is more vast, more significant and more theological. The writers from the world's Greek Roman are contemporary or remotely subsequent (3rd Century B.C – 2nd A.C) that's why the comparison of the sense of friendship and friend are relevant to their write. The selection of literatures work about the subject is more qualitative than quantitative and it makes sense having in mind the idea of revealing a presentation detailed and explainable about friendship and friend in a complex and fluid season, how was the epoch Greek Roman.

**Key words:** Friendship, friend, literature Greek Roman, Luke and John Gospel

## INTRODUÇÃO

O ser humano, na sua história e em qualquer ambiente social que estava vivendo, sentia a necessidade de criar relacionamentos de amizade. Nos tempos contemporâneos, o amigo/amiga é aquele indivíduo que desenvolve relações sociais (estreitas), as quais são baseadas no amor recíproco, na compaixão e estima. Em consequência disso, amizade é a estreita relação social que se desenvolve entre duas ou mais pessoas com base no amor recíproco, compaixão e estimação.<sup>2</sup> A Amizade pode existir entre homens e mulheres, irmãos, namorados, maridos, parentes, ou seja, pessoas com diferentes vínculos. É um relacionamento social voluntário de intimidade. Algumas bases do sentimento de amizade são a reciprocidade do afeto, ajuda mútua, compreensão e confiança.<sup>3</sup>

Com essas definições atuais, fica claro que a dimensão atual do sentido da amizade tem caráter social e emocional. Porém, no mundo antigo, o sentido do termo Amizade era algo mais do que aquilo que o homem<sup>4</sup> contemporâneo considera um relacionamento comum do dia a dia. Na pós-modernidade a partir da tentativa de interpretar os textos antigos, tem se concluído que muitos termos atuais eram percebidos de maneira diferente das pessoas ao redor do mar Mediterrâneo no 2º século a.C. Através do estudo desses povos, o estudioso pode perceber informações a respeito de questões como honra, inveja, amizade, patrocínio, vingança, refeições (especialmente as jantares), estrutura dos colégios (grupos sociais fechados), dentre outros aspectos.<sup>5</sup> Uma dessas questões era o sentido da amizade.

<sup>2</sup> “Κατά συνέπεια, φιλία είναι ή στενή κοινωνική σχέση που αναπτύσσεται ανάμεσα σε δύο ή περισσότερα άτομα και που βασίζεται στην αμοιβαία αγάπη, συμπάθεια και εκτίμηση.” Άργυριάδου, Α. *Η έννοια τής φιλίας και τού φίλου εις τά κείμενα τού έλληνορωμαϊκού κόσμου και τής Καινής Διαθήκης*. Διακειμενική έρμηνευτική προέγγιση. σ. 13. A tradução é do autor.

<sup>3</sup> <https://www.significados.com.br/amizade> Acesso em: 19 de fevereiro de 2018.

<sup>4</sup> Homem diz respeito ao ser humano e não a questão de gênero.

<sup>5</sup> “Από τήν μελέτη αυτών τών λαών μπορεί κανείς νά λάβει πληροφορίες που αφορούν θέματα όπως, ή τιμή, ό φθόνος, ή φιλία, ή πατρωνία, ή εκδίκηση, τά δειπνα, ή δομή τών κλειστών κοινωνικών ομάδων (μαθητές), και άλλα παρόμοια.” MALINA, Β. J. *Κριτική Προέγγιση με τη βοήθεια των Κοινωνικών Επιστημών*, στον τόμο Αναζητώντας το Νόημα, μία Εισαγωγή στην Ερμηνεία της Καινής Διαθήκης, επιμ. Paula Gooder, σ. 21.

Outro fator que o leitor deve levar em conta é a mudança do conteúdo significativo das palavras. É lógico e natural, na passagem do tempo, o vocabulário de uma língua se enriquecer, ampliar-se e se modificar por causa dos progressos que acontecem e do rumo histórico da humanidade. A vinda de Jesus Cristo no mundo não mudou somente a maneira de viver e de pensar da sociedade, mas o ponto de vista dos valores e dos seus sentidos. Um dos termos que atingem novo conteúdo sob a luz do ensino de Jesus é o sentido da *Φιλία* (Amizade).<sup>6</sup>

No Léxico do Novo Testamento do Louw – Nida escreve sobre o vocábulo *filos* (amigo); “*φίλος* - (amigo): substantivo, uma pessoa do sexo masculino com a qual alguém se associa e em relação à qual existem afeição e apreço pessoal – amigo (*φιλεῖ*)”. Em algumas línguas, há termos diferentes para diferentes tipos de amigos. Em outras palavras, há uma diferença entre amigos íntimos, com os quais se convive constantemente, e um círculo mais amplo de pessoas com as quais se tem amizade, mas que não fazem parte do grupo de amigos mais chegados. Nesses casos, “a escolha do termo para ‘amigo’ vai depender de cada um dos contextos”.<sup>7</sup>

Os autores J. H. Moulton e G. Milligan, no seu Léxico do Novo Testamento, apresentam o uso das palavras *Amizade* e *Amigo*, que foram descobertas em papiros e inscrições no período greco-romano. Os autores desse Léxico não usam em versos paralelos textos da literatura erudita, considerando que esses sentidos no Novo Testamento atribuem à compreensão comum e popular sobre a Amizade.<sup>8</sup> Apesar de os relatos formais do termo *Amizade* serem bem poucos aos escritos do Novo Testamento, devido à extensão dos seus textos, o sentido da amizade percorre todos os Evangelhos e também as cartas de Paulo. Isso acontece porque “o antigo ideal da amizade não era simplesmente de compartilhar ideias e emoções. Incluía a participação verdadeira na vida do amigo através de práticas concretas. O Novo Testamento apresenta um tipo dessas práticas e de que essa “*koinonia* – comunhão” era uma expressão ideal da amizade”.<sup>9</sup>

Levando em conta os parâmetros mencionados anteriormente, este trabalho vai tratar, em primeiro lugar, do significado e uso dos termos *Amizade* e *Amigo* pelos escritores do mundo greco-romano e, na sequência, haverá a comparação dos mesmos termos nos evangelhos de Lucas e João, pois muitos estudiosos afirmam que tais termos em todo o Novo Testamento consistem em parte da literatura grega da sua época.<sup>10</sup>

<sup>6</sup> “*Ἡ ἔλευση τοῦ Χριστοῦ στὸν κόσμον δὲν ἀλλάξε μόνον τὸν τρόπο ζωῆς καὶ σκέψης τῶν ἀνθρώπων, ἀλλὰ καὶ τὴν θεώρηση τῶν ἀξιών καὶ τῶν ἐννοιῶν του. Μία ἀπὸ τίς ἐννοιες ποὺ ἀποκτοῦν νέο περιεχόμενο θπὸ το φῶς τῆς διδασκαλίας τοῦ Χριστοῦ εἶναι ἡ ἐννοια τῆς φιλίας.*” Ἀργυριάδου, 2014, p. 141. A tradução é do autor.

<sup>7</sup> LOUW, J. P.; NIDA, E. **Léxico Grego-Português do Novo Testamento**. Baseado em domínios semânticos, p. 399.

<sup>8</sup> MOULTON, J. H.; MILLIGAN, G. **Vocabulary of the Greek Testament**, *φιλία*, 5373, p. 670 και *φίλος*, 5384, p. 671.

<sup>9</sup> JOHNSON, L. T. “Making Connections. The Material Expression of Friendship in the NT”, **Interpretation**, 58 (Apr. 2004), p. 158.

<sup>10</sup> Dado que, se isentar poucos versos, os escritores do Novo Testamento nas suas citações às “Escrituras”, fazem uso da tradução grega, a Septuaginta, entende-se que os livros da Bíblia faziam parte da literatura antiga de muitos escritores e poetas na época helenística, como eram: Demétrios Falireos, Aristéas, Polistor Alexandro, o poeta Calimáco Cirineu, Teócrito, Licofron e outros. Mais informações sobre os escritores que fizeram uso a Septuaginta, veja na obra de: *Οικονόμος, Κ. Περί τῶν Ὁ Ἑρμηνευτῶν τῆς Παλαιᾶς Θείας Γραφῆς. Τ. 2º σ. 589-594*. Contemporâneos dos escritores do Novo Testamento e pouco posteriores deles, estão: *Χαρίτων, Λόγγος, Ἡλιόδωρος, Λουκιανός ο Σαμοσατέας* e outros. Ἀργυριάδου, Α. σ. 140.

## 1. OS TERMOS AMIZADE E AMIGOS NA LITERATURA GREGA CLÁSSICA E HELENÍSTICA

A filosofia moral, presente nos ensinamentos de Sócrates, que estão apresentados na obra de Platão e progressivamente nos escritos/obras de Aristóteles,<sup>11</sup> constituiu o âmbito de desenvolvimento teórico de termos como virtude, coragem, felicidade, prazer, inveja, glória e lisonja, os quais influenciaram os escritores posteriores do mundo greco-romano a tratar em seus escritos da busca sobre essas expressões. Um deles é o sentido da Amizade (*φιλία*) e do Amigo (*φίλος*).<sup>12</sup> A palavra filia (amizade) se encontra pela primeira vez em Teógnis, depois em Heródoto, em Eurípides e outros escritores clássicos (não se encontra nos poetas Ésquilo e Sófocles).<sup>13</sup> Mas, o principal escritor que trata de amizade e influenciou os escritores posteriores é Aristóteles (384 a.C – 322 a.C).<sup>14</sup> Para este e para os filósofos que o seguiram, a amizade não era uma relação conforme as circunstâncias e temporária. Principalmente em sua obra sobre Amizade, Aristóteles esclarecia a obrigação recíproca social na qual era baseada a *πόλις* – polis.<sup>15</sup> No ideal da democracia de Atenas, a relação entre os amigos era uma relação entre os *ομοίους* – iguais, que contribuía simultaneamente na ética pública e na qualidade do cidadão, isto é, alguém que era bom amigo significava, por definição, que era bom cidadão.<sup>16</sup> A existência da amizade e outros termos ligados a ela, como as virtudes – *ἀρετές* – a ‘coragem’, *ἀνδρεία* – ‘valente’ e a *δικαιοσύνη* – ‘justiça’ na cidade-estado, garantiam a função segura do regime democrático.<sup>17</sup>

Essa posição de Aristóteles se apresenta com ênfase na sua obra *Ἠθικά Νικομάχεια* – Ética a Nicômaco: “É verdade que o homem moral faz muitas coisas pelo favor dos seus amigos e para a sua pátria, mesmo se está disposto a morrer pelo seu favor [...] Também, ele deixa seus amigos agirem no lugar dele, pois é muito melhor fornecer a possibilidade ao seu amigo de operar uma *πράξις* – ação do que operá-la ele mesmo”.<sup>18</sup> Portanto, para Aristóteles, a

<sup>11</sup> Principalmente as obras de Aristóteles, *Ἠθικά Νικομάχεια*, *Ἠθικά Εὐδήμεια*, *ἀλλὰ καὶ Ῥητορική, Πολιτικά καὶ Μεταφυσικά*. καὶ στο ἀμφισβητούμενο ἔργο του *Μεγάλα Ἠθικά*. 8

<sup>12</sup> Ἀργυριάδου, 2014, p. 7.

<sup>13</sup> *Θέογνις*, ἀπόσπ. 306, «ἄνδρεςσι κακοῖς συνθέμενοι φιλίαν», (homens maus constituem amizade); Teógnis era poeta que viveu no 6º século a.C. e escreveu uma coleção de elegias (1400 pelo menos versos). Trata-se, principalmente, de concelhos que se dirigem num jovem, o Cyrno, e expressam a ética de aristocracia. Teógnis afirma ao Cyrno, pelo qual escreveu as suas elegias, que graças na sua poesia, tem sido garantido a imortalidade. Disponível em: [http://www.greek-language.gr/digitalResources/ancient\\_greek/anthology/literature/browse.html?text\\_id=63](http://www.greek-language.gr/digitalResources/ancient_greek/anthology/literature/browse.html?text_id=63). A tradução é do autor. A palavra, amigo – *φίλος*, encontra-se também, nas obras de **Esquilos** 120 vezes, e nas obras de **Eurípides** 135 vezes. Ἀργυριάδου, 2014, p. 7.

<sup>14</sup> Aristóteles, na sua obra *Ἠθικά Νικομάχεια* – Ética à Nicômaco, dedica dois dos dez livros seus no total (*βιβλία Θ' - Ἰ Περὶ τῆς Φιλίας*), e na sua obra *Ἠθικά Εὐδήμεια* – Ética à Eudímio, dedica um dos oito livros seus no total (*βιβλίο Ζ'*). Ἀργυριάδου, 2014, p. 9.

<sup>15</sup> SCHROEDER, F. M. **Friendship in Aristotle and Peripatetic Philosophers**, no Tomo seletivo de J. T. Fitzgerald (Ed), *Greco-Roman Perspectives on Friendship*, p. 36.

<sup>16</sup> KONSTAN, 1996, p. 90.

<sup>17</sup> O'DAY, G. R. “Jesus as Friend in the Gospel of John”, *Interpretation*, 2004, τ. 58, p. 146.

<sup>18</sup> *Ἀριστοτέλης. Ἠθικά. Νικ. 9.8.1169a 18-20· 32-34, “ἀληθές δέ περὶ τοῦ σπουδαίου καὶ τό τῶν φίλων ἔνεκα πολλά πράττειν καὶ τῆς πατρίδος, κἂν δέη ὑπεραποθνήσκειν. [...] ἐνδέχεται δέ καὶ πράξεις τῶ φίλῳ προῖεσθαι, καὶ εἶναι κάλλιον τοῦ αὐτόν πράξαι τό αἴτιον τῶ φίλῳ γενέσθαι»*. A tradução em português é do autor.

amizade é entendida num âmbito de obrigações sociais que se emanam da vida comum dos cidadãos na cidade-estado.<sup>19</sup> No entanto, a amizade na obra de Aristóteles se limita entre pessoas iguais e semelhantes – *ὁμοίους καὶ ἰδίους*. Assim, o autor reduz a amizade entre esses dois grupos determinados. Aristóteles “hesita” de estender a amizade como bem entre todas as camadas ou classes dos homens e os diferencia dependendo da sua classe social, cultural e, ainda, entre diferentes idades.<sup>20</sup>

O filósofo que liga Aristóteles com os Peripatéticos<sup>21</sup> dos tempos helenísticos e mais tarde com os Estoicos é o seu aluno Teofrasto, escritor de grande número de ensaios filosóficos e científicos.<sup>22</sup> Uma questão decisiva que trata o pensamento de Teofrasto sobre a amizade é se é permitido a alguém fazer algo ilegal para salvar o seu amigo.<sup>23</sup> Nesse assunto tão sensível, seguindo o pensamento de Aristóteles, ele expressa a tese de que a ética legítima é superior à posição humana e, portanto, não é necessária a obediência estreita na lei.<sup>24</sup> Os amigos devem distribuir tudo entre si e, em consequência disso, não pode existir amizade verdadeira se ‘um deles for’ pobre.<sup>25</sup> Também ao Teofrasto pertence a opinião de que os amigos distribuem ainda entre si os seus amigos.<sup>26</sup> Assim, porém, é criado um círculo de amigos muito amplo, uma posição que vem em contraste com o pensamento helenístico sobre amizade.<sup>27</sup> Teofrasto pertence à época clássica, contudo os seus pensamentos sobre a amizade influenciaram o conteúdo do sentido da amizade no mundo greco-romano, visto que influenciaram o pensamento dos filósofos peripatéticos dessa época.

<sup>19</sup> SCHROEDER, 1997, p. 36.

<sup>20</sup> KONSTAN, 1996, p. 68.

<sup>21</sup> A escola filosófica Peripatética, ou Liceu, foi fundada pelo aluno de Aristóteles, Teofrasto, e continuou o seu curso até o 6º século d. C. Chegou ao seu ponto crucial no 1º século a. C, onde, prevaleciam os Epicuristas e os Estoicos, se bem de que adotaram várias posições de outros filósofos. Eles continuavam a tradição aristotélica, meditando e desenvolvendo as suas obras. Uma seleção indicada de escritos dos filósofos peripatéticos sobre o sentido de amizade se encontra na obra de; *Ἰωάννη Στοβαίου* (Ioánis Stovaiós) *Ἀνθολόγου, Ἐκλογαί Φυσικαί καὶ Ἠθικαί* 2.7.22,11-14 – 2.7.13.80 – 2.7.13.83-89 e aos comentários que escreveu o filósofo Peripatético, *Ἀσπάσιος* (Aspásio), nas obras de Aristóteles, principalmente na *Ἠθικὰ Νικομάχεια* 151.24-25.

<sup>22</sup> *Θεόφραστος* – Teofrasto (372 a.C – 287 a.C). Era aluno de Platão e, quando ele morreu, seguiu Aristóteles. Quando os Atenenses deportaram Aristóteles por causa de blasfêmia aos deuses, o filósofo deixou a Teofrasto a sua imensa biblioteca e lhe confiou a direção da sua escola. Teofrasto ficou na direção da famosa escola Peripatética por 25 anos, ensinado continuamente até a sua morte e escrevendo mais de 250 obras. A sua erudição em todas as áreas científicas, seguindo o seu grande mestre (estudou Metafísica, Ética, Política, Legislação, Lógica, Psicologia, Retórica, Poesia, Zoologia, Botânica, História das ciências etc.) fascinou e atraiu na sua escola mais de 2000 alunos. Infelizmente, dos seus escritos sobreviveram poucos fragmentos e apenas duas obras inteiras: História das Plantas (9 livros) e uma obra pequena, mas famosa, os *Χαρακτήρες* – Caracteres (Teofrasto foi o primeiro filósofo que usou essa palavra com o seu sentido metafórico para analisar as características não de exterior da pessoa, mas de seu interior), onde meditou e descreveu sobre o caráter moral do ser humano. <http://mikrosapoplous.gr/theophrastos/theophr0.htm> Acesso em: 13 de fevereiro 2018.

<sup>23</sup> *Θεόφραστος. Απόσπ. 534.*

<sup>24</sup> Veja também, *Σοφοκλή. Ἀντιγόνη στ. 450-460* (Sófocles, Antígona).

<sup>25</sup> *Θεόφραστος. Απόσπ.. 536 – 537.*

<sup>26</sup> *Θεόφραστος. Απόσπ. 535 (10 74.1.3) «εἰ κοινὰ τὰ φίλων ἐστί, μάλιστα δεῖ κοινούς τῶν φίλων εἶναι τοὺς φίλους».*

<sup>27</sup> Veja também em, *Πλούταρχο. Περί Πολυφιλίας*. (Plutárco. Sobre Polifilias – Muitos Amigos).

## 1. 1 A amizade romana pessoal e política

Os escritores intelectuais no período greco-romano, que continuavam a escrever as suas obras no dialeto “ático”, mantinham entendimento comum sobre a Amizade e Amigo, visto que essa permanecia ainda uma virtude social, no entanto, encaixada num mundo diferenciado do mundo clássico.<sup>28</sup> Por outro lado, a expansão dos romanos, em toda a bacia do Mediterrâneo (2º século a.C), favoreceu o domínio de usos e costumes e ideias universais, que transformaram os cidadãos das cidades helenísticas em cidadãos-súbditos ou indivíduos num império impessoal (31 a.C, do primeiro imperador romano, Augusto).<sup>29</sup>

Nessa nova perspectiva, os escritores do mundo greco-romano, em relação à amizade, formulavam as suas posições sob influência da filosofia do período clássico, mas também dentro das novas condições políticas, econômicas e sociais numa época de racionalismo, individualismo e cosmopolita, de insegurança e escolhas ecumênicas,<sup>30</sup> em comparação aos correspondentes escritos e das posições bíblicas do Novo Testamento que são apresentadas.

Na literatura latina, a palavra *amicitia* é o domínio semântico do sentido correspondente da *Φιλία* – Amizade Além disso, a palavra *Amicitia* (amizade – filia) tem dimensão teórica e idealística maior que Eros (amor), o qual se refere, principalmente, ao relacionamento corporal entre o homem e a mulher.<sup>31</sup> A Amizade dos romanos tinha principalmente conteúdo político, pois se tratava de um relacionamento de homens que pertenciam ao mesmo partido político (*populares-optimates*) ou estabeleciam relações no âmbito de troca do benefício (*gratia*) que foi dado a ele.<sup>32</sup> Portanto, como na língua grega o sentido do termo Amizade abrange muitas áreas da vida humana, assim, no latim, o conteúdo do sentido da palavra *amicitia* – amizade é imenso e se estende no sentido da intimidade firme e da virtude bem intencionada, até a gentileza que se caracterizam os relacionamentos dos homens que têm as mesmas ideologias políticas e que participam do mesmo grupo político, abrangendo cada grau de relacionamento amigável, seja real ou superficial.<sup>33</sup>

O filósofo pioneiro e mais eminente escritor entre os romanos é, sem dúvida, Marco Túlio Cícero (106 a. C – 43 a.C).<sup>34</sup> Dentre os ensaios de Cícero que apresentam mais a abordagem teórica na questão da Amizade e do Amigo, sua obra *Laelius*, ou simplesmente *De*

<sup>28</sup> Αργυριάδου, 2014, p. 20.

<sup>29</sup> Αργυριάδου, 2014, p. 20.

<sup>30</sup> Para o período helenístico e das novas perspectivas político-sociais, veja a *Ιστορία του Ελληνικού Έθνους, Μ. Ανδρόνικος, Ο Ελληνικός Κόσμος σε Οικουμενικές Διαστάσεις, τ. Ε', σ. 254-257.*

<sup>31</sup> Nesse sentido não é necessariamente de esclarecer o conteúdo dos termos amizade (*amicitia*) e amigo (*amicus*) para a língua em Latim, em correspondência do grego, desde que esses termos manifestam relacionamentos diferentes daqueles do parentesco, da origem e da utilidade. Αργυριάδου. Α. σ. 21. Para os conceitos *Amicitia* e amor na literatura latina, veja a obra de WILLIAMS, C. A. **Reading Roman Friendship.** p. 116-173.

<sup>32</sup> KONSTAN, 1996, p. 122-123.

<sup>33</sup> BUNT, P. A. **The Fall of the Roman Republic and Related Essays.** p. 381.

<sup>34</sup> Outro famoso romano que escreveu sobre Amizade, era Sêneca (4 a. C – 65 d. C), contemporâneo dos tempos apostólicos. Sêneca foi filósofo, escritor, mestre da retórica e estadista romano. Tornou-se conhecido por seus escritos em prosa, foram 124 cartas, um tratado científico intitulado “Problemas Naturais” e uma série de ensaios filosóficos. Tornou-se o principal representante do estoicismo. <https://www.ebiografia.com/seneca/> Acesso em: 16 de fevereiro de 2018.

*Amicitia*, escrita em 44 a.C., é a mais evidente. Cícero era orador, filósofo e político romano e dentre o seu povo o mais acadêmico, na sua teoria mais platônica, e na prática um estoico modesto. A sua opinião sobre o Epicurismo, apesar da amizade que mantinha com alguns dos seus representantes, se refletia sempre em um grande desprezo.<sup>35</sup> Sendo assim, os pensamentos do Cícero em relação à amizade não apresentam uma escola filosófica concreta, mas apresentam uma seleção de opiniões múltiplas que revelam a realidade diária da sua época.<sup>36</sup>

A amizade real na obra de Cícero é baseada no amor natural ou físico, na boa intenção e na integridade.<sup>37</sup> Na verdadeira amizade existe um benefício maior por causa da concorrência entre os amigos, ou seja, quem vai beneficiar primeiro o outro. Mas como a base da amizade não deve o seu crescimento à necessidade (benefício), assim não tem como base e não se esforça pelo seu prazer. Para o verdadeiro amigo, a felicidade do seu amigo cresce proporcionalmente à sua alegria, e a sua tristeza o entristece. Essa amizade recíproca e contentamento para com um amigo prevalecem em relação a todos os prazeres do mundo.<sup>38</sup> Como parece evidente, o âmbito filosófico de Cícero sobre a amizade é baseado na tradição filosófica de Aristóteles, enquanto que poucos seguiam aquela dos estoicos, que se diferenciava em muitas posições e distingue totalmente da amizade materialista e utilitarista dos epicuristas.<sup>39</sup>

## 2. O SENTIDO DA AMIZADE (ΦΙΛΙΑ) E DO AMIGO (ΦΙΛΟΣ) NOS EVANGELHOS DE LUCAS E DE JOÃO

Antes de estudar o sentido da amizade dos dois evangelistas, Lucas e João, é preciso considerar que a palavra Amizade – *Φιλία*, em todo o Novo Testamento, encontra-se uma só vez (*hápax Legómenon*), (Tg 4.4). O adjetivo Amigo – (*Φίλος*) na sua forma substantiva apresenta-se 29 vezes,<sup>40</sup> e no gênero feminino, amiga – *φίλη*, aparece uma vez (Lc 15.9). O sentido da palavra amigo apresenta também aos textos do Novo Testamento, o termo *ὁ σός* – *sós* (pronome possessivo – teu) uma vez (Mc 5.19), o termo *ὁ ἴδιος* – *idios* (ele mesmo) duas vezes (At 4.23, 24.23) e o termo *ὁ ἑταῖρος* *etairos* (associado, pessoa próxima - íntima) três vezes (Mt 20.13, 22.12, 26.50). Fora disso, nas primeiras comunidades cristãs os seus membros se chamavam entre si como amigos.<sup>41</sup> Visto que os seus relacionamentos foram organizados, conforme ao modelo da cidade-estado onde eles viviam, os primeiros cristãos

<sup>35</sup> ROSE, H. J. H., *Ιστορία της Λατινικής Λογοτεχνίας*. κεφ. 7ο Ο Κικέρων, τ. Α' σ. 157.

<sup>36</sup> FIORE, Benjamin S. J. "The Theory and Practice of Friendship in Cicero", στον συλλογικό τόμο του J. T. Fitzgerald (ed.), *Greco-Roman Perspectives on Friendship*, p. 60.

<sup>37</sup> Veja: <https://pt.slideshare.net/isabelapinto94/ccero-marco-tlio-dilogo-sobre-a-amizade-laelius-de-amicitia> e <http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas47/48 Jorge Osorio.pdf> Acesso em: 14 de fevereiro de 2018.

<sup>38</sup> CÍCERO. *De Amicitia*. 17.62 - 64

<sup>39</sup> FIORE Benjamin, S. J. p. 60-63.

<sup>40</sup> *Φίλος* – Amigo: Mt 11.19 (1), Lc 7.6,34· 11.5(2),6,8· 12. 4· 14. 10,12· 15. 6,9,29· 16. 9· 21.16· 23, 12 (15), Jo 3.29· 11. 11· 15.13,14,15· 19. 12 (6), At 10.24· 19.31 · 27.3 (3), Tg 2.23· 4. 4 (2) και 3Jo 15(2).

<sup>41</sup> At 4.23, 24.23, 3Jo. 15.

desfrutavam o lado prático da Amizade.<sup>42</sup> Esses laços fortes de Amizade mostrava que ela constituía uma questão tão ampla, frequente e contínua em todo do Novo Testamento, tanto que os antigos seus leitores e ouvintes podiam perceber que o ideal da Amizade, penetrava todas as camadas sociais, como eram a família, os parentes, os da mesma idade, os da corte e os colegas do trabalho.<sup>43</sup>

### 2.1 O sentido da Amizade e do Amigo no Evangelho de Lucas

No evangelho de Lucas, constata-se que são encontrados, com base na comparação de abordagem do sentido Amizade, pontos de semelhanças com os escritores do mundo greco-romano, como os filósofos Peripatéticos, Epicuristas, Plutarco, Chariton, Filon e os papiros helenísticos. Isso acontece nos outros Evangelhos também, mas Lucas, o escritor do terceiro evangelho e do livro de Atos, aprofunda frequentemente em suas obras a questão das relações sociais e em geral das atividades humanas.<sup>44</sup>

Não é por acaso que os termos Amizade e Amigo em seu evangelho são apresentados 15 vezes. Esses conceitos são encontrados em perícopes que pertencem a várias formas da publicação do Evangelho, como são os ditos de Jesus, parábolas, narrações de milagres e em diferentes estados da sua composição (fontes, intervenção formatável do escritor).<sup>45</sup> Mesmo em versículos comuns aos sinóticos, dos quais o termo Amigo falta em Mateus e Marcos, no evangelho de Lucas é aparente e acompanha conceitos como parentes e vizinhos. A autora Tsalampouni escreve que “a concentração da palavra Amigo no evangelho de Lucas não deve haver por acaso, mas consiste em uma escolha consciente do escritor e leva um sentido mais profundo”.<sup>46</sup> Lucas parece que considera as primeiras comunidades cristãs como comunidades de amigos.

Não é fácil determinar as fontes de Lucas; a sua declaração sobre a busca e o estudo de diferentes fontes antes da sua forma ou composição final, mostra que ele se baseou em material preexistente, e buscou pôr em ordem, como ele mesmo escreve em seu evangelho, no começo, (*ἀνατάξασθαι* – tornaram a redigir) Lc 1.1.<sup>47</sup> Considerando então os relatos formais sobre o sentido da amizade em Lucas como material seu, o termo Amigo aparece pela primeira vez no seu Evangelho, no caso do centurião, que pede a Jesus a cura de seu servo (Lc 7.6). O centurião romano manda os seus amigos avisar a Jesus que não precisa ir até sua casa porque o seu servo já havia falecido. O mesmo caso se encontra nos Evangelhos de Mateus e de João, só que, nesses casos, os amigos não são mencionados; em Mateus, Jesus é impedido pelo próprio centurião de chegar à sua casa com a justificativa de que é pecador (Mt 8 5-13),

<sup>42</sup> Αργυριάδου, 2014, p. 144

<sup>43</sup> Johnson, L. T. Making Connections. The Material Expression of Friendship in the N. T. Interpretcion, 58 (Apr. 2004), p. 159-160.

<sup>44</sup> Αργυριάδου, 2014, p. 153.

<sup>45</sup> Τσαλαμπούνη, Αικ. Γ., «Ο ελληνορωμαϊκός ‘τόπος’ περί φιλίας στο κατά Λουκάν Ευαγγέλιον». σ. 462.

<sup>46</sup> Τσαλαμπούνη, Αικ. σ. 442 – 464.

<sup>47</sup> Para essa questão hermenêutica, veja a obra de Παπαδημητρίου Κ. «Η έννοια τής λέξης ‘ἀνατάξασθαι’ στον Λουκά 1,1. Νέο φῶς στή σημασία τῆς καί στον τρόπο συγγραφῆς τοῦ Λουκά» στο συλλογικό ἔργο Τό κατά Λουκάν εὐαγγέλιο. Προβλήματα φιλολογικά, ἱστορικά, ἐρμηνευτικά, θεολογικά, σ. 341 κ.ε.

enquanto que em João, no lugar de seu servo, ele menciona o próprio filho do oficial romano (Jo 4 46b-53).

A ênfase que Lucas dá no termo Amizade aparece em posição de valor nas parábolas de Jesus, as quais pertencem quase todas ao material de Lucas, e não aparecem em outros sinóticos. Essas parábolas são: O Bom Samaritano (10. 25-37); A Grande Festa (14. 15-24)<sup>48</sup>; O Filho Pródigo (15, 11-32); O Administrador Desonesto (16. 1-13) e O Rico e o pobre Lázaro (16. 19-31). Tais parábolas demonstram o valor e a relevância da amizade, como também da hospedagem na época de Jesus, dentro de um âmbito concreto social, econômico e político. A parábola do Bom Samaritano, além do seu fundo teológico – cristológico, trata de uma amizade e dádiva, independentemente de separações raciais, e evoca na memória a amizade ecumênica dos filósofos peripatéticos e do filósofo judeu Filon.<sup>49</sup>

Um caso notável sobre os relacionamentos entre amigos e os limites da amizade no Novo Testamento, em comparação aos papiros helenísticos, é a parábola de Jesus sobre o visitante não convidado que incomoda o seu amigo à noite, a qual está relatada apenas no evangelho de Lucas (Lc 11 5-8). Apesar de o propósito do Senhor Jesus ser demonstrar o poder da oração, no presente texto sobre a amizade, o interesse é observar como se apresenta a relação dos dois amigos através dessa parábola.

O visitante noturno, necessitado, não hesita em incomodar o seu amigo numa hora inadequada. Isso pressupõe a liberdade ou a vontade de fazê-lo, mas se verifica também a posição de que amigo é aquele que atende o outro numa necessidade, conforme a convicção comum em relação aos amigos, no mundo greco-romano.<sup>50</sup> “A amizade tem um pressuposto; isto é, a hospedagem e também de que alguém pode dividir os seus bens. O exemplo de Lucas apresenta a sua familiarização com os termos de Amizade e de Amigo na sua cultura helenística”.<sup>51</sup>

A palavra grega, no versículo 8, do capítulo 15 *ἀναίδειαν* (anaideian), traduzida como “importunação”, conforme a maioria das traduções em português, ocorre somente neste lugar de todo do Novo Testamento. Ela retrata a atitude de um homem que se vê obrigado a mostrar hospitalidade a um amigo que o procurou. No contexto da cultura, ele sai de seus hábitos para providenciar alimento, a fim de suprir as necessidades do seu amigo. Ele está disposto a sacrificar a amizade com o seu amigo vizinho, na intenção de se mostrar bom hospedeiro. [...] assim, o termo negativo “anaideia” significa “persistência desavergonhada”, ou ainda, suavizando o sentido “falta de vergonha” para “ousadia”, transformando-a numa qualidade positiva.<sup>52</sup>

<sup>48</sup> Essa parábola aparece também em Mateus 22.1-14.

<sup>49</sup> Sobre o termo da amizade nas obras de Filon, veja na obra de Αργυριαδου, 2014, p. 118-125.

<sup>50</sup> Essa convicção aparece principalmente nos papiros do período helenístico, por exemplo, no P. Fay 131. 9-16.

<sup>51</sup> JOHNSON, 2004, p. 160.

<sup>52</sup> KUNZ, Claiton. **As Parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**, p. 106-107. Sobre a palavra grega *ἀναίδειαν*, veja: LOUW, J.; NIDA, E. **Léxico Grego-Português do Novo Testamento**. Baseado em domínios semânticos (Lucas 11.8). A palavra em grego, ἀναίδεια, ας (insolência): uma falta de sensibilidade para com o que é adequado – “insolência, audácia, atrevimento, descaramento, falta de vergonha”. p. 559.

O exemplo da parábola tem alvo duplo; amigo é aquele que vai apoiar e ajudar na necessidade, mas também é aquele que tem a impudência ou a ousadia (e insolência) de incomodar o seu amigo numa hora inadequada. Apesar de tudo, o pedido foi cumprido, não por causa do sentimento de ajudar o seu amigo na sua necessidade extraordinária, mas por causa da sua impudência e ousadia.<sup>53</sup>

## 2.2 Os amigos nos discursos escatológicos de Jesus em Lucas

Os amigos aparecem de duas maneiras nos discursos escatológicos no evangelho de Lucas. Na primeira, Jesus dirige a sua palavra para os seus discípulos chamados como “seus amigos” (Lc 12.4). Com a mesma alocação, também chama Jesus aos seus discípulos no Evangelho de João (Jo 15.15). Portanto, João distingue o termo Amigo do termo Servo. O servo não conhece os propósitos do seu senhor, simplesmente executa as suas ordens. O amigo, porém, conhece tudo em relação ao seu amigo. Essa distinção entre servo de Deus e amigo de Deus se encontra também no filósofo judeu Filon. Ele cita o texto 18, 17 de Gênesis, em que Abraão é chamado amigo de Deus.<sup>54</sup> Assim, Lucas (12.4) relata no preparo dos discípulos de Jesus que o Senhor os nomeava como “meus amigos”, porque tinha sido aludido muitas vezes que eles são os Seus amigos, pois tinha revelado mais para eles sobre os mistérios do Reino de Deus (Mc 4,11).<sup>55</sup>

No segundo caso, o termo Amigo é adicional de Lucas no discurso escatológico de Jesus aos seus discípulos antes da Sua Paixão (Lc 21.16). Na lista dos contrários à obra da pregação do evangelho, Lucas menciona também os amigos. O dito, provavelmente, é oriundo da Fonte Q, pois a citação é a mesma de outros sinóticos (Mt 10 17-21, Mc 13 9-12). Portanto, nos Evangelhos de Mateus e Marcos, o sujeito dos perseguidores dos discípulos é indefinido. Em Marcos, não se determinam quais são os perseguidores, mas podem ser considerados com o pronome indefinido *τινές* – “alguns”, e Mateus os menciona em geral com o termo *άνθρωποι* – “anthropoi” (homens), que de um lado corresponde ao sujeito indefinido de Marcos. Porém, Lucas cita uma lista de perseguidores dos discípulos que começa no círculo íntimo da família e se estende até os amigos.<sup>56</sup> Assim, o adicional do termo Amigo na frase pode ser acréscimo de Lucas, no qual os amigos, na última hora, se tornam em inimigos que perseguirão os discípulos do evangelho.

## 2.3 A amizade nas refeições em Lucas

A presença dos amigos nas refeições na época greco-romana se apresenta em Lucas, no dito de Jesus sobre a escolha dos melhores lugares na mesa, através da parábola da Grande Festa (Lc 14.10). Nessa parábola, também se determina quais pessoas alguém deve convidar

<sup>53</sup> Αργυριάδου, 2014, p. 157.

<sup>54</sup> Φίλων Αλεξανδρέως. *Περί νηφαλιότητος* 11 «φίλον γάρ τὸ σοφὸν θεῶ μᾶλλον ἢ δοῦλον». Aparece também na literatura sapiencial posterior, em Sabedoria de Salomão 7.27 na tradução da Septuaginta: “μία δέ οὔσα πάντα δύναται καὶ μένουσα ἐν αὐτῇ τὰ πάντα καινίζει καὶ κατὰ γενεάς εἰς ψυχὰς ὁσίας μεταβαίνουσα φίλους θεοῦ καὶ προφήτας κατασκευάζει».

<sup>55</sup> BERNARD, J. H. *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. John*. t. 2, σ. 487-488.

<sup>56</sup> Τσαλαμπούνη, Αικ. σ. 466-467.

(Lc 14.12). Essa apresentação de Lucas pertence principalmente ao material que ele mesmo pesquisou, pois não se encontra nos sinóticos, nem em João. Jesus concilia seus ouvintes, através dessa parábola, para que não se esforcem em escolher os melhores lugares na mesa, ensinando-lhes assim a humildade.<sup>57</sup>

A alocação do dono com a palavra Amigo demonstra a sua apreciação ou a sua estimação para o seu convidado e também que o convite nas refeições se dirige para os amigos. No entanto, Jesus aconselha ao dono que não é bom convidar os seus amigos, parentes ou irmãos e vizinhos ricos, para não haver recompensa no seu convite. Na realidade, Jesus, no lugar dos amigos e dos parentes, colocou os pobres e desprezados e declarou o amor abnegado entre todos os homens.<sup>58</sup> Há uma citação impressionante e paralela a essa parábola no diálogo de Platão em *Φαίδρος* – Faidros.<sup>59</sup> Sócrates aconselha seus ouvintes a convidar, nas jantãs, não só os amigos, mas os pobres também. Os mendigos e aqueles que não têm nada, que serão convidados, vão se tornar seguidores fiéis e adeptos zelosos do dono, desejando para ele muitos bens ainda. Portanto, no diálogo de Platão salienta-se a recompensa do benefício, algo que não existe na parábola da Grande Festa.

Geralmente, nos textos do mundo greco-romano que se referem às jantãs é evidente uma tentativa de manterem o equilíbrio social através da divisão dos assentos dos convidados dependendo da posição social-econômica de cada qual. “Essa realidade parece ser apresentada em Lucas 14. 7-11, onde predominam questões dos primeiros e melhores lugares nas mesas, do último lugar, da honra, da fama e do cargo de cada um participante, mas também da vergonha que resulta da reivindicação de um assento que não é conveniente com a classe social do amigo convidado”.<sup>60</sup>

Além disso, Jesus, em Lucas 14.12-14, rejeita a recompensa e a reciprocidade dos relacionamentos sociais como fundamento da amizade, quando, no lugar dos amigos, Ele coloca os pobres e os aleijados. A perícopes é ligada também com o versículo de Lucas 6.32-35, no qual Jesus declara o amor desinteressado para todos, ainda mais para os seus inimigos, a exemplo do Pai Celestial. “Tanto na primeira citação quanto na segunda, Jesus propõe um comportamento oposto em direção ao código social que era comum e aceitável na sua época, tirando dos relacionamentos humanos a lógica da recompensa e do interesse próprio”.<sup>61</sup>

O pensamento consciente de Lucas sobre os relacionamentos amigáveis e íntimos tem a ver como ele percebe ou entende esses relacionamentos dentro das comunidades cristãs primitivas; ele as considera como comunidades de amigos, algo que é evidente na consequência da sua narrativa em Atos dos Apóstolos, na qual expressões como “tudo em comum – *ἀπαντα κοινά* (At 2.44)” e “um só coração, uma só alma – *καρδία και ψυχή μία* (At

<sup>57</sup> Αργυριάδου, 2014, p. 159.

<sup>58</sup> Αργυριάδου, 2014, p. 159.

<sup>59</sup> Πλάτων. *Φαίδρος*. 233e 1-5. «καί μὲν δὴ καὶ ἐν ταῖς ἰδίαις δαπάναις οὐ τοὺς φίλους ἄξιον παρακαλεῖν, ἀλλὰ τοὺς προσαιτοῦντας καὶ τοὺς δεομένους πλησμονῆς: ἐκεῖνοι γάρ καὶ ἀγαπήσουσιν καὶ ἀκολουθήσουσιν καὶ ἐπὶ τὰς θύρας ἤξουσι καὶ μάλιστα ἡσθήσονται καὶ οὐκ ἐλαχίστην χάριν εἶσονται καὶ πολλὰ ἀγαθὰ αὐτοῖς εὕξονται».

<sup>60</sup> Τσαλαμπούνη, 2010, p. 484.

<sup>61</sup> Τσαλαμπούνη, 2010, p. 485.

4.32)” descrevem a linguagem filosófica e “ecoa” o sentido da amizade dos escritores do mundo greco-romano.<sup>62</sup>

### 3. EVANGELHO DE JOÃO: OS AMIGOS DE JESUS

No último e mais teológico dos quatro, o Evangelho de João, os sentidos dos termos Amizade e Amigos se encontram seis vezes de modo formal. Essas presenças do termo em João estendem ou ampliam o conteúdo da amizade dentro no Novo Testamento e o enriquecem numa importância especial e mais profunda. Obviamente, o leitor deve reconhecer o uso particular desses termos nos escritos de João.<sup>63</sup> Portanto, além dessas referências formais do termo Amizade, o evangelho de João apresenta interesse relativamente maior dos modelos de amizade que ele representa, como é de Lazaro, o amigo de Jesus, de Pedro, de João e até do próprio traidor de Jesus: Judas.

#### 3.1 Os amigos do noivo em João

Nos relatos formais do termo existem diferentes usos semânticos do sentido da palavra Amigo. O primeiro uso relata um significado difundido de amigo. O amigo do noivo está ao seu lado no dia de seu casamento e se alegra quando ouve a sua voz (Jo 3.29). João Batista usa esse exemplo para explicar o seu relacionamento com Jesus e o seu papel no plano da salvação. Tal versículo (Jo 3. 22-30) pode se correlacionar com os versículos correspondentes em Mateus (11.9) e Lucas (7.34), nos quais os discípulos comparam Jesus a João Batista. O amigo do noivo é o seu acompanhante no evento do casamento, uma figura reconhecível na Judeia, e não na Galileia (e por isso não se refere ao casamento de Caná), que permanece ao lado do noivo, se alegra de ouvir a sua voz, mas não é o protagonista do casamento.<sup>64</sup> João Batista, através dessa descrição do relacionamento humano, deixa o papel do “protagonista” para a obra da salvação do mundo em Jesus e, assim, o reconhece como o Messias verdadeiro (Jo.3. 28-32).

#### 3.2 A amizade política em João

No seu segundo uso do termo, em João 19.12, aparece a estabelecida amizade política, que é comparada à compreensão do mundo greco-romano para esse tipo de amizade.<sup>65</sup> Os judeus, tendo em vista impedir Pôncio Pilatos de deixar Jesus livre, reagem e gritam

<sup>62</sup> Αργυριάδου, 2014, p. 166.

<sup>63</sup> MITCHELL, 1997, p. 257.

<sup>64</sup> BERNARD, 1948-1949, p. 131.

<sup>65</sup> Sobre a amizade política veja as epístolas de Cícero: *Ad Atticum, Ad Familiares* e na epístola para o seu irmão com o título *Commentariolum Petitionis Consulatus*. Em geral, na cena política da Roma durante o primeiro século a.C, os amigos não são necessariamente pessoais, mas são considerados também os adeptos políticos, fato que representa a relevância dos votos eleitorais dos amigos. Mais informações sobre a amizade política no império romano na obra de Rose H. J. *Ιστορία της Λατινικής Λογοτεχνίας*, τ. Α' σ. 198- 199). 85 Cic., *Ad Att.*, 17.5-6., Konstan D. *Friendship in the Classical World*, (Cícero and his Friends), p. 125., e Αργυριάδου, Α. *Η έννοια της φιλίας και του φίλου εις τὰ κείμενα τού έλληνορωμαϊκού κόσμου και της Καινής Διαθήκης* σ.24-28.

declarando que essa decisão significará que Pilatos não é amigo de César, pois cada um que se autodenomina rei, no caso de Jesus, está contra o imperador. Esse argumento surge depois da negação, por parte de Pilatos, de que Jesus deve ser morto devido à Lei de Moisés, pois afirmou que Ele é Deus (Jo 19.7). Na realidade, isso era uma ameaça “coberta” para Pilatos; se ele mostrava favor para Jesus, não seria amigo de César; ou seja, isto significaria que Pilatos cairia em desgraça. A traição ao imperador era um delito grave de um governante ou representante da lei.<sup>66</sup> Abordando esse argumento do lado dos judeus, constata-se que, desde que Pilatos mostrou inimizade ou hostilidade contra Jesus, ganhou a “amizade de César”. Por conseguinte, o amigo da autoridade secular ou mundana, é na realidade inimigo de Deus.<sup>67</sup>

### 3.3 O amigo verdadeiro de João

Um terceiro uso muito importante, apesar de retirado dos escritos joaninos e de fazer alusão ao sentido do termo Amigo presente neles, existe em Jo 15 13-15. No seu discurso de despedida, Jesus se refere aos seus discípulos como amigos. Nesse texto, a principal característica da amizade é a perspectiva de “μοιράζεσθαι” (repartir ou partilhar); os discípulos fazem o que Jesus os aconselha ou os exorta, mas não como servos, pois eles conhecem o que Jesus pensa. Esse uso da palavra Amigo talvez esclareça pouco o diálogo singular ou esquisito no último capítulo do evangelho de João, no qual os verbos *φιλείν* (amar no sentido de amizade) e *ἀγαπάν* (amar no sentido de amor – ágape), estão alternados nas perguntas de Jesus sobre a dedicação de Pedro (Jo 21.15-17).<sup>68</sup> Desde que Pedro tinha respondido duas vezes à pergunta de Jesus “ἀγαπάς με” (amas-me), com a resposta “φιλώ σε” (eu te amo como meu amigo) e Jesus dirige a pergunta de novo com o mesmo termo: “φιλείς με”? (você me ama como teu amigo?) Pedro responde, persistentemente, acrescentado o elemento chave da amizade antiga, ou seja, os amigos retribuem ou partilham o mesmo modo de pensar; “Senhor, tu sabes tudo, sabes que eu te amo como meu amigo” (Jo 21.17).<sup>69</sup>

Nessa perícopie de João, determinam-se os limites da amizade e do amor para o amigo. Nem no período greco-romano o sacrifício para o amigo era considerado algo dado: essa dimensão da amizade na Antiguidade existia só na retórica antiga.<sup>70</sup> Relativamente ao estudo da comparação com as fontes literárias do mundo greco-romano, existem indícios ou pontos que apresentam, pelo menos na teoria, o sacrifício para o amigo como o limite mais alto da

<sup>66</sup> BERNARD, 1948-1949, t. 2, p. 621.

<sup>67</sup> Compara também, Tg 4.4 «οὐκ οἶδατε ὅτι ἡ φιλία τοῦ κόσμου ἔχθρα τοῦ Θεοῦ ἐστίν;».

<sup>68</sup> Αργυριάδου, 2014, p. 178

<sup>69</sup> JOHNSON, 2004, p. 168.

<sup>70</sup> O'DAY, 2004, p. 148-9.

demonstração da amizade e da identidade do verdadeiro amigo. Esses valores mais elevados se encontram nas obras de Luciano<sup>71</sup>, Chariton<sup>72</sup> e nos filósofos estoicos.<sup>73</sup>

Aquilo que diferencia Jo 15.13 dos outros ensinamentos sobre amizade e morte é que Jesus não ensina simplesmente a alguém se sacrificar por seus amigos. A Sua própria vida é a encarnação desse ensino. Jesus fez na prática aquilo que os filósofos apenas falaram. Ele foi sacrificado por Seus amigos. Isso faz toda a diferença ao caracterizar a amizade, uma categoria teológica. O exemplo da vida e da morte de Jesus transfere o Seu ensino em Jo 15.13 da esfera do abstrato numa promessa efetuada e em dádiva.<sup>74</sup> Porém, o pressuposto da amizade para Jesus aparece no mesmo texto, pouco depois, com uma forma hipotética, isto é, que precede a promessa e segue a hipótese: se os discípulos cumprem na prática os mandamentos do Senhor, somente então são considerados seus amigos. Assim, o cumprimento dos mandamentos constitui não só um simples pressuposto da amizade, mas é a sua confirmação.<sup>75</sup> “A amizade contínua dos discípulos com Jesus depende da vontade deles de seguirem os seus mandamentos (15.14), como Ele, o próprio Jesus, cumpriu os mandamentos do Pai e por isso permaneceu dentro do Seu amor.”<sup>76</sup>

Com certeza, o sacrifício de Jesus, como o encerramento do Seu amor para o ser humano caído, aparece nas cartas de Paulo (Rm 5.6-8), mas, nesse caso, o apóstolo se refere, principalmente, ao amor universal de Deus, que inclui toda a humanidade, como se encontra ainda na primeira epístola de João (1Jo 3.16). Relativamente à abordagem da comparação do sentido amigo no texto de João e dos escritores do mundo greco-romano, essa descrição entre “servo” de Deus e Seu “amigo” aparece ao judeu Filo, de Alexandria.<sup>77</sup>

<sup>71</sup> Luciano da Samósata, predomina na literatura do 2º século d. C, se bem que não encontrou oficialmente o cristianismo primitivo (apenas poucos relatos existem na sua obra), “*Περὶ τῆς Περειγρίνου Τελευτῆς, 11-13*” (A Passagem do Peregrino). A palavra amizade se encontra 45 vezes na obra de Luciano e a palavra amigo se encontra mais 150 vezes. Veja Ἀργυριάδου, 2014, p. 63-67.

<sup>72</sup> Os escritos de Chariton são contemporâneos aos livros do Novo Testamento, e na sua obra literária apresenta o sentido da amizade em forma de romance. Aborda e apresenta a amizade não apenas de uma relação entre dois amigos, mas também o relacionamento diário em todos os grupos sociais. Trata-se de um estudo múltiplo e antropológico sobre a amizade, que apesar do seu estilo literário, permite ao estudioso comparar o sentido de amizade com os textos do Novo Testamento. Ἀργυριάδου, 2014, p. 75-88.

<sup>73</sup> Sobre a amizade dos estoicos escreve Tsatsos, concluído a sua obra: “Entre os estoicos se desenvolvem profundas correntes de amizade. Além de Aristóteles, poucos “glorificaram” a amizade, a amizade pessoal, como a glorificaram os estoicos. Entre pessoas importantes, nobres, crescem correntes amigáveis profundas. Além disso, para os estoicos, todas as pessoas importantes e genuínas têm entre eles laços de amizade, apesar de que não conhecem um do outro. Mas também, fora dessa comunidade de todas as pessoas importantes, existe uma ligação mais ampla entre todos os entes racionais dos seres humanos. Eles constituem o grande Estado. O homem estoico é um cosmopolita. A humanidade já se tornou a cidade para ele. Co-cidadão dele, já não é o cidadão da sua cidade de Atenas, mas é cada homem do mundo. “ὡς ἂν εἰ πόλις” (como se fosse a sua cidade). Κων. Τσάτσου, *Ἡ κοινωνική φιλοσοφία τῶν Αρχαίων Ελλήνων*. σ. 128.

<sup>74</sup> Ἀργυριάδου, 2014, p. 179.

<sup>75</sup> Ἀργυριάδου, 2014, p. 179.

<sup>76</sup> FITZGERALD, J. T. ‘*Christian Friendship: John, Paul, and the Philippians*’, *Interpretation*, July 2007, 61, 3 p. 285.

<sup>77</sup> Sobre a amizade na obra de Filo, veja: “Ἀργυριάδου, Ἀ. *Ἡ ἔννοια τῆς φιλίας καὶ τοῦ φίλου στα κείμενα τοῦ ἑλληνορωμαϊκοῦ κόσμου καὶ τῆς Καινῆς Διαθήκης*. Διακειμενική ἐρμηνευτική προσέγγιση. σ. 118-125 e também: Chadwick, H. “*Filo and the Beginnings of Christian Thought*”, na obra de “Armstrong, H.A. *The Cambridge History of Later Greek and early Medieval Philosophy*. p. 143-144.

Concluindo o dito de Jesus em João, em que chama os seus discípulos de amigos, Fitzgerald faz a seguinte constatação: “A amizade para João é desenvolvida totalmente dentro do amor (15.10). Assim, era ligada de forma inquebrável com a entidade da comunidade joanina e cumpria tudo o que incluía os ensinamentos de Jesus. Sem ensino, sem permanecer no amor, a amizade com Jesus e entre eles era impossível”.<sup>78</sup>

### 3.4 João, o amado amigo e discípulo de Jesus

João, como o amado discípulo de Jesus, é mais um caso de relacionamento amigável que menciona o evangelista do quarto evangelho. João se apresenta como o discípulo “ὄν ἠγάπα ὁ Ἰησοῦς” (aquele que amava Jesus), (Jo 13.23, 21.20), e em muitos casos no Evangelho, aparece essa relação particular com o Senhor. O seu lugar na última ceia, ao lado do seu Mestre, era muito honroso; alguns estudiosos consideram que João estava assentado à direita de Jesus, enquanto que à esquerda do Senhor, lugar honroso também, mas incômodo, ficava Judas, como tesoureiro do grupo dos doze.<sup>79</sup> Como foi mencionando, era comum no mundo antigo dar grande importância ao lugar nas mesas dos convidados, em relação a sua amizade com o dono. Os lugares mais honrosos eram dados para as pessoas mais íntimas e amigáveis, para que eles tivessem contato imediato, visível e auditivo com o senhor da casa. Como fica claro, no quarto evangelho, a figura do apóstolo João se rodeia com amor amigável particular, ao lado de Jesus, e salienta o dos doze, dado que permanece na cruz, onde Jesus o confia a Maria, a sua mãe. Assim, as pessoas mais amadas de Jesus se juntam como uma maneira de apoiar um ao outro nas horas difíceis que seguirão à morte do Senhor.<sup>80</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este breve artigo, na comparação dos textos do mundo greco-romano com os evangelhos sobre o sentido da amizade, existem pontos semelhantes, mas também de divergência, relativas à compreensão dos seus leitores antigos. Visto que os textos do Antigo Testamento constituem os pretextos dos escritos do Novo Testamento, é lógico apresentarem pontos comuns na compreensão do sentido da amizade. Desse modo, o amigo verdadeiro para os textos do Novo Testamento é o próximo, que vai além dos limites nacionais (Antigo Testamento). A amizade, porém, com o próprio Deus consiste no ideal da relação do homem com Ele, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento.

Para os leitores do mundo greco-romano, não era necessário o uso de termos formais de Amizade e Amigo para compreender o sentido da amizade. Termos como *κοινωνία* (comunhão), *ισότης* (igualdade), *παρρησία* (ousadia, coragem), *μετοχή* (participação), *ὁμοιότης* (semelhante) *ὁμόνοια* (concordia) e expressões como uma alma, tudo comum e palavras sintéticas com o prefixo *σύν*-com (*σύνεγγυς* – muito próximo) e de *φίλ*- (*φιλαλληθεια*

<sup>78</sup> FITZGERALD, 2007, p. 286.

<sup>79</sup> BERNARD, 1948-1949, T.2, p. 471.

<sup>80</sup> Αργυριάδου, 2014, p. 184.

– amigo da verdade) e também descrições de relações de reciprocidade e de recompensa constituem índices da presença da amizade nos textos do mundo antigo.

O grau mais perfeito da amizade para os filósofos clássicos era a amizade do homem com Deus. No Antigo Testamento, Abraão recebeu o título de honra de amigo de Deus, porque tinha fé inabalável. Para o filósofo Judeu Filo, a amizade universal é expressa através de Moisés, que também era amigo de Deus. No Novo Testamento, a amizade com Deus constitui o maior grau de amizade. Porém, há uma diferença dos escritores do mundo greco-romano, para os quais a amizade se esforça e se alcança o lado humano. Em contraste, aos livros do Novo Testamento, a amizade emana do amor de Deus pelo ser humano e é Ele quem dá o passo de aproximar e resgatar o homem pecador e essa aproximação não é outra, além do sacrifício do Senhor Jesus Cristo na cruz para a salvação do mundo, visto que Deus é o Grande e Verdadeiro amigo do homem.

## REFERÊNCIAS

ΑΡΓΥΡΙΑΔΟΥ, Άνναστασία. *Ἡ έννοια τής Φιλίας καί τού Φίλου στά κείμενα τού ελληνορωμαϊκού κόσμου καί τής Καινής Διαθήκης*. Δειακειμενική έρμηνευτική προσέγγιση. *Dissertação para a Universidade Aristotelio de Tessalonica, 2014.*

BERNARD, J. H. *A Critical and exegetical Commentary on the Gospel According to St. John. 2T.* (McNeile, Alan Hugh ed.). Edinburgh: Clark, 1948-1949.

BUNT, P. A. *The Fall of the Roman Republic and Related Essays*. University Press: Oxford, 1988.

FIORE, B. S. J. “Friendship in the Exhortation of Romans 15:14-33”. *Proceeding of the Eastern Great Lakes and Midwest Biblical Societies*. V. 7, Pittsburgh, 1987.

FITZGERALD, J. T. “Christian Friendship: John, Paul, and the Philippians”, *Interpretation*, 61, 3. July 2007. Também, no seu Tomo coletivo J. T. Fitzgerald (ed.), *Greco-Roman Perspectives on Friendship*, SBL 34, Scholars Press, Atlanta, Georgia 1997.

JOHNSON, L. T. “Making Connections. The Material Expression of Friendship in the N.T.” *Interpretation*, 58 (Abr. 2004).

KONSTAN, D. “Friendship, Frankness and Flattery”, no tomo coletivo de, John T. FITZGERALD (edit.). *Friendship, Flattery and Frankness of Speech: Studies on Friendship in the New Testament World*, in, SNT 82, E. J. Brill, Leiden: 1996. Do mesmo autor: *Friendship in the Classical World. Key Themes in Ancient History*, Cambridge University Press, 1997.

KUNZ, Claiton André. *As Parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus*. Curitiba: ADSantos, 2014.

LOUW, J.; NIDA, E. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento*: baseado em domínios semânticos. Tradução de Wilson Scholz. São Paulo: SBB, 2013.

MALINA, B. J. *Κριτική Προσέγγιση με τη βοήθεια των Κοινωνικών Επιστημών, στον τόμο Αναζητώντας το Νόημα, μία Εισαγωγή στην Ερμηνεία της Καινής Διαθήκης, επιμ. Paula Gooder.*

MULTON, J. H., MILLIGAN, G. *Vocabulary of the Greek Testament Illustradend from the Papyri and other non-literary Sources, Michigan 1957.*

MITCHELL, A. C. *Greet the Friends by Name' New Testament Evidence for the Greco-Roman Topos on Friendship, no tomo coletivo de, J. T. FITZGERALD (edit.). Greco-Roman Perspectives on Friendship, SBL 34. Atlanta, Georgia: Scholars Press, 1997.*

O' DAY, G. R. "Jesus as friend in the Gospel of John", *Interpretation*, 2004 τ. 58

ROSE, H. J. *Ιστορία της Λατινικής Λογοτεχνίας. τ. α' και β' (μτφρ. Κ. Χ. Γρόλλιου), MIET, έκδ. γ', Αθήνα 1989.*

SCHROEDER, F. M. *Friendship in Aristotle and Peripatetic Philosophers". In: FITZGERALD, J. T. (edit). Greco-Roman Perspectives on Friendship. SBL 34. Atlanta, Georgia: Scholars Press, 1997.*

ΤΣΑΛΑΜΠΟΥΝΗ, Αικ. Γ. *Ὁ ἑλληνορωμαϊκός 'τόπος' περί φιλίας στό κατά Λουκᾶν Εὐαγγέλιο, στον συλλογικό τόμο «Ἁγία Γραφή καί Ἀρχαῖος Κόσμος, τιμητικό ἀφιέρωμα στόν Ὁμότιμο Καθηγητή Ἰωάννη Λ. Γαλάνη», εκδ. Π. Πουρναρά, Θεσσαλονίκη, 2010.*

#### PAGINAS DE INTERNET

<https://www.significados.com.br/amizade> Acesso em: 19 de fevereiro de 2018.

<http://mikrosapoplous.gr/theophrastos/theophr0.htm> Acesso em: 13 de fevereiro 2018.

<https://pt.slideshare.net/isabelapinto94/ccero-marco-tlio-dilogo-sobre-a-amizade-laelius-de-amicitia> Acesso em: 15 de fevereiro de 2018

[http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas47/48\\_Jorge\\_Osorio.pdf](http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas47/48_Jorge_Osorio.pdf) Acesso em: 15 de fevereiro de 2018.

<https://www.ebiografia.com/seneca/> Acesso em: 19 de fevereiro de 2018.

[http://www.greek-language.gr/digitalResources/ancient\\_greek/anthology/literature/browse.html?text\\_id=63](http://www.greek-language.gr/digitalResources/ancient_greek/anthology/literature/browse.html?text_id=63). Acesso em 12 de novembro de 2018.